

O TRABALHO COM A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESCOLHAS ENUNCIATIVAS PARA A DIDATIZAÇÃO¹

*Nádia Dolores Fernandes Biavati**

*Fernanda de Castro Modl***

RESUMO: Neste artigo, socializamos ações de trabalho advindas de uma parceria interinstitucional (UESB-UFSJ) no LaGaTT, Laboratório de Garimpo Textual e(m) Trabalho do professor de línguas, que tem como público-alvo professores em formação inicial/licenciandos, professores em exercício e professores em formação continuada. O objetivo do presente texto é apresentar um conjunto de questões que perpassam o trabalho de didatização do professor de português de exemplares de gêneros textuais/discursivos. O que se inicia com a defesa de textos como unidade de ensino, seguida da escolha de um determinado texto/exemplar, a que chamamos garimpo textual, para didatização de objetos de ensino diversos. Assumindo que o trabalho didático do professor é sempre orientado por saberes de referência a que os sujeitos estão/são expostos na formação profissional, apresentamos algumas ações didáticas voltadas para o ensino de língua(gens) como uma forma dinâmica de compreender a didatização dos gêneros textuais/discursivos a partir do contato com a Semântica da Enunciação no Laboratório. Os resultados apontam para a importância de se compreender o plano enunciativo como um caminho produtivo de trabalho com os gêneros garimpados que circulam no LaGaTT. O que validamos como uma iniciativa significativa em proposta de didatização de aspectos, reivindicando, no trabalho que envolvem os gêneros, o olhar voltado para os enunciados, a enunciação e a produção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais/discursivos; LaGaTT; Produção de sentidos; Semântica da Enunciação; Quarentena.

¹ O trabalho vincula-se ao referencial teórico da pesquisa pós-doutoral *Sobre o tempo*: domínios do sentido e(m) temporalidades e temporalizações, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob supervisão do Prof. Luiz Francisco Dias.

* Professora Adjunta da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Integrante do PROMEL (Programa de Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura). Doutora e Pós-doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Grupo de Pesquisa ENUNCIAR. Professora Colaboradora do projeto de extensão LaGaTT (Laboratório de Garimpo Textual e(m) Trabalho do professor de línguas).

** Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Puc-MG). Coordenadora do projeto de extensão LaGaTT (Laboratório de Garimpo Textual e(m) Trabalho do professor de línguas) e líder do grupo de pesquisa LabCultLet (Laboratório de Culturas, Trabalho e Letramento do professor).

Introdução

O Laboratório Garimpo Textual e(m) Trabalho do professor de línguas (doravante LaGaTT) é um projeto de extensão², com parcerias interinstitucionais em três regiões do país (Nordeste, Norte e Sudeste), que funciona como um espaço interlocutivo e formativo para se vivenciar o trabalho com gêneros (como práticas culturais que nos possibilitam tematizar sobre múltiplas maneiras de (con)viver em sociedade) a partir da convergência de olhares de professores-formadores de professores, professores em exercício, professores em formação inicial/licenciandos e alunos da educação básica.

Apesar de a didatização de e a partir de gêneros ser uma prescrição desde os Parâmetros Curriculares, como sabemos datados de 1998, o que explica a questão já ser tão amplamente referenciada, a partir de diversos enquadres teórico-metodológicos e de, assim, ser vozeada por especialistas em Linguística Textual, Análise do Discurso, Semântica da Enunciação, Linguística Aplicada e Educação, professores formadores e professores da educação básica, há ainda muitos aspectos silentes no processo de validação de conhecimentos teórico-metodológicos por professores em formação e em exercício.

Isso porque antes que um exemplar de gênero seja objeto de ensino em salas de aulas da educação básica, por meio de um projeto didático autoral planejado pelo(a) docente, é preciso que esse profissional: i) não apenas tenha sido exposto, em aulas na universidade e/ou em iniciativas outras como programas de formação (não)governamental, a quadros de referência de estudos linguísticos e aplicados que o(a) habilitem a realizar gestos de transposição didática no tratamento de exemplares de gênero como objetos de ensino, mas também ii) que tais saberes de referência tenham sido por ele(a) significados e também mantidos em uma memória de trabalho, apartados do pré-construído de que aquilo não funciona(ria) no chão da escola e, ainda, que iii) o(a) professor escolha (garimpe!) um texto e sinta-se capaz de elaborar uma atividade didática a partir dele. O que resvala em suas condições pessoais de trabalho e *métier* profissional.

² Vinculado à PROEX - Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UESB.

É, portanto, tendo em mente essa intrincada rede de relações que o LaGaTT realiza interinstitucionalmente suas (micro)ações de trabalho. Neste texto, apresentamos uma das ações formativas do Laboratório, por meio da descrição de um caminho metodológico que realizamos para demonstrar o processo de produção de sentidos a partir dos gêneros para didatização.

Depois de uma sintética mostra de princípios de trabalho do LaGaTT, na próxima seção, investimos esforços, no presente texto, para compreender, a partir de 3 exemplares de gêneros, que integram o banco de gêneros textuais/discursivos do Laboratório, o que significa a produção de sentidos e o lugar de uma teorização de planos da unidade de significação, da articulação de formas e da enunciação para um alargamento de um olhar enunciativo do professor para o texto como produto da interação humana. Para isso, destacamos a produção de sentidos a partir de formações nominais especialmente constituídas a partir da formação nominal “quarentena”.

Na sequência, fechamos o artigo com o levantamento de algumas questões que ilustram propícios e desafios para o trabalho com os 3 textos em salas de aula da educação básica e apresentamos algumas ações didáticas possíveis, voltadas para o ensino de língua(gens) como uma forma dinâmica de compreender a didatização dos gêneros a partir do contato com a Semântica da Enunciação no Laboratório. O que muito nos diz sobre aspectos caros à agenda formativa do professor.

1- O LaGaTT- Laboratório de Garimpo Textual e(m) Trabalho do professor de línguas

O Laboratório tem como tarefa central de trabalho encampar discussões acerca da diversidade de gêneros textuais/discursivos, calibrando impactos locais de representações sociais sobre o trabalho com exemplares de gêneros em 3 contextos de ensino-aprendizagem Português como Língua Materna (PLM), como Língua de Herança (PLH) e Inglês como Língua Estrangeira (ILE). O que se dá por meio da troca de percepções, análises e vivências profissionais entre os participantes do Laboratório e ocorre por meio de duas ações centrais: o Garimpo Textual e as reuniões de trabalho para formação.

O Garimpo Textual é uma ação que se traduz, grosso modo, na escolha processual, semanal e individual de textos (vinculados a diferentes semioses e socialmente reconhecidos como diferentes gêneros textuais/discursivos) que cada participante do Laboratório (a que chamamos carinhosamente Garimpeiro[a]) julga adequados e interessantes para o trabalho em aulas de português e inglês na educação básica.

Escolhidos/garimpados os textos pelos participantes do Laboratório, os textos em formato digitalizados/digitais são encaminhados, via WhatsApp do Laboratório, ou, se físicos, entregues o texto original ou uma cópia dele, para os bolsistas de extensão ou para a coordenadora do Projeto na sala do Laboratório. Assim, textos garimpados por diferentes participantes passam a constituir um banco de dados coletivo, logo após serem submetidos a um processo de categorização e catalogação do texto como exemplar de um dado gênero que vai sendo processualmente organizado para ser disponibilizado, a médio prazo, de modo público e gratuito, online para a comunidade escolar mais ampla.

Até se chegar a esse “banco” de textos, na verdade, o grande produto (Garimpo Textual) do Projeto, várias ações formativas vão sendo realizadas, visando: i) ouvir professores e alunos da educação básica e licenciandos colaboradores e ii) defender (e sempre lembrar a todos os professores e professores em formação) do Garimpo Textual como uma prática provida de significados e efeitos para o trabalho de reconstituição de alunos e professores como um sujeitos de linguagem cada vez mais críticos e reflexivos.

Não cabe aos participantes do Laboratório (professores em exercício, em formação e alunos do Ensino Médio) simplesmente garimparem textos, pois realizamos, trimestralmente, círculos de debates para melhor entendermos o(s) porquê(s) de cada participante do Laboratório (não)elaborar material didático e como os alunos do ensino médio reagem às escolhas didáticas de seus professores. O que, como professoras formadoras de professores, nos auxilia tanto a sair do lugar daquele que prescreve o que se deve/deveria fazer, em consonância com as pesquisas que fazemos e a que temos acesso, como para conferir mais protagonismo ao público-alvo, que, tantas vezes, nas pesquisas que realizamos com nossos pares, figuram o lugar de sujeitos da pesquisa e, portanto, de alguém que tem mais

a sua voz e posturas de trabalho analisadas do que quem interage e defende posições, por meio de réplicas e mostra de (dis)(con)sensos.

O Laboratório vem, processualmente, se constituindo como um espaço interlocutivo e formativo para que seus participantes vivenciem a diversidade de gêneros textuais/discursivos (em todos os estilos e em todas as dimensões sociais).

Já nas reuniões de trabalho da equipe executora do Laboratório, lidamos com os textos garimpados, dedicando-nos a classificá-los, categorizá-los, fazendo um levantamento/uma proposição de objetos de ensino, contextualizados nos exemplares de gêneros, para futuras atividades didáticas.

Durante o levantamento de objetos de ensino, nós vamos correlacionando e, portanto, atualizando conceitos e conceituações advindas de correntes linguísticas diversas, que se mostrem como saberes necessários tanto para aquele exercício pensado para didatização de um dado garimpo textual, quanto para uma formação enunciativa para o trabalho com todo e qualquer texto. O que se explica pela nossa defesa de que o garimpo não deve ser somente escolha e catalogação de gêneros para o professor usá-los aleatoriamente em sala.

Entende-se que a prática do garimpo possibilita o contato com os gêneros como artefatos linguístico-culturais em que/a partir dos quais se produzem sentidos, que carregam representações do mundo, que se dão com os processos socioculturais, na medida em que, por meio da linguagem, eles são operacionalizados como uma rede de relações em sua produção, circulação e consumo.

Isso quer dizer que o garimpo possibilita a consciência crítica da linguagem, ao considerar reflexões para cada objeto de atuação, pois a linguagem em ação é apresentada de forma que, por meio dela explicitam-se relações em nível de enunciado e enunciação. Ainda, emergem identidades, ideologias e concepções (geralmente referentes ao consenso ou para problematizá-lo) que circulam socialmente e carregam, quando consumidas na escola, um modo institucional de lidar com o interlocutor, destacando o processo de enunci-

ação, com que o aluno toma contato desde o Ensino Fundamental. Por isso, o aluno precisa, por meio dos processos de didatização, conhecer os gêneros como forma de atuação no mundo e produção de sentidos.

Realizada essa rápida apresentação do Laboratório, avançamos com a demonstração de como operacionalizamos algumas das ações apresentadas.

2- A produção de sentidos e(m) gêneros

Na presente seção, concentramo-nos em discutir ações que, se desenvolvidas, podem levar o aluno do ensino fundamental ou médio a refletir sobre a produção de sentido a partir de um exemplar de em três gêneros, sendo o aviso, o anúncio e a capa de revista.

Entendemos que produzir sentido envolve leitura e interpretação conscientes, é um dos caminhos pelos quais se compreende a prática discursiva dos gêneros textuais/discursivos³ com lupa. Não se pode esquecer de que a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016) indica competências gerais e específicas, bem como as habilidades e aprendizagens que os alunos precisam desenvolver ao longo dos Ensinos Fundamental e Médio. Essa forma de regulação implica desenvolver no aluno o olhar voltado para a produção de sentido que circula por meio dos textos e o trabalho que deve ser feito pelo professor diante da proposta voltada para o contato cotidiano com gêneros multimodais, enfatizando caminhos de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver.

Entender e desenvolver no aluno uma percepção para o processo de produção de sentidos a partir de/em um gênero se faz necessário, pois aponta caminhos para atentarmos para o fato de que os gêneros multimodais se dão organizados em um plano macrotextual, por um lado, evocado por diferentes modalidades de linguagem que circulam na sociedade,

³ Embora reconheçamos a força e a importância do modo como as diferentes correntes linguísticas explicam e posicionam-se acerca do impacto das adjetivações textual, discursivo ou de discurso, bem como do que elas guardam de um percurso coletivo de escolhas, recusas e filiações, em suas redes referenciais, dados os objetivos deste texto, não nos ocuparemos dessa discussão, assumindo uma postura didática que se pauta no apagamento dessas especificidades.

seja verbal escrita, seja verbal oral, não verbal, imagética e sonora. Por outra interface, a ideia é dedicar-se em fazer com que o aluno concentre-se concentre também a produzir sentidos a partir do contato com o plano microtextual dos gêneros, evocando, portanto, como se produzem enunciado e enunciação na construção de sentidos.

Defendemos que foco em produção de sentido, na escola, se faz com o olhar para produção e interpretação em vários caminhos e atividades. Reivindicamos, pois, nessa direção, que a ação didática é processual e convoca o professor a, cotidianamente, tratar das facetas dinâmicas nessa produção de sentidos, uma vez que se percebe, por vezes, certo esgotamento nas ações de trabalho, tanto com o Enunciado, quanto com a Enunciação como possibilidades que se dão a partir do tratamento do gênero textual. Para o momento, voltamos rapidamente nosso olhar para explicar ambas, ao mesmo tempo em que trabalhamos com possibilidades de contato com os gêneros na escola.

Seguimos compreendendo que o trabalho do professor contempla o olhar para as relações significativas. Na atenção para o trabalho com os gêneros, interessa ao professor, primeiramente, operacionalizar ações que possibilitem ao aluno compreender partes do objeto em uma representação. A noção de representação, nesse caso, traduz a ideia de que os gêneros possibilitam pontos de contato variados. Desse modo, uma ação didática (re)pensada pelo professor envolve o (saber) enunciar algo duplamente: i) enunciar um gênero; ii) enunciar um gênero no/a partir do referencial escolar.

Didatizar cada gênero, envolve, pois, observação ampla quanto à sua constituição de sentidos e o referencial mobilizados com vistas a traçar o processo de constituição de uma unidade de significação. Em seguida, a ideia é desenvolver atividades didáticas que façam sentido para o aluno, convocando-o a observar os usos como acontecimentos de linguagem, ou seja, observar a linguagem fazendo sentido na prática social e dedicar-se a traçar questões orais e escritas que convoquem o raciocínio do aluno em leitura, interpretação, escrita e produção de língua(gem).

Assim, compreendamos que enunciar se desdobra, para fins didáticos, em facetas que abrangem enunciado e enunciação, pois, pela Semântica da Enunciação, o enunciar se

dá a partir de foco às formas linguísticas que se manifestam na enunciação, no acontecimento, no traçado da História e da Língua. Enunciados, por sua vez, compreendem articulação que recai sobre o conjunto das materialidades (DIAS, 2018). O olhar à materialidade pode incidir, por exemplo, no conjunto de nexos que indicam o caminho de observação ao gênero.

No processo de enunciar, é necessário que o professor em formação saiba reconhecer “traços de interpretação passíveis de serem articulados em coordenação e em sintonia, tendo em vista um domínio de mobilização dessas formas” (DIAS, 2018, p. 18), fazendo com que os alunos reflitam sobre elementos que são mobilizados para que os sentidos se atualizem, provocando o leitor. Por isso, é impossível isolar enunciado de enunciação, ambos devem se colocar concomitantemente e se estabelecer como pontos de olhar na aula de Português, tomando o gênero como ação de linguagem, pois é na enunciação que os referenciais históricos da significação direcionam o “olhar para a compreensão do mundo” (DIAS, 2018, p. 30).

Assim, ao observarmos o aviso a seguir, mobilizamos sentidos sobre “quarentena” que fogem à ideia de quarenta dias ao tomarmos contato com essa nominalidade. Tal termo em uso mobiliza sentidos que nos levam a compreender a defesa da necessidade de isolamento durante a pandemia do coronavírus, que causa o COVID-19.

Pelo referencial histórico, direcionamo-nos à atualidade do isolamento social com duração de um número de dias variados, direcionando nossa interpretação para a ideia de recolhimento que enfatiza o distanciamento social necessário a um período (qualquer) destacado no aviso em questão com a expressão “fique em casa”:



Disponível em: <https://www.americanas.com.br/produto/1649187957>

O professor, ao tomar o aviso, destacará com alunos do ensino médio a ideia de que o enunciado “ninguém está convidado” é pertinente, pois nele são mobilizadas as razões possíveis para o “não-convite”. Tal ideia se justifica pela injunção “fique em casa”, que se dá como materialização dessa significação no suporte de um painel, acompanhada de uma recomendação, seguida pelo esclarecimento “ninguém está convidado”.

Chamamos a atenção para o fato de que o exemplar de anúncio parece pouco autêntico, se nos concentramos em elementos visuais como seu suporte ou mesmo a sua moldura e enquadre da imagem como um todo, que mais nos remetem a programas de desenho usados em projetos de arquitetura e design de interiores do que a um aviso que estaria circulando no interior de prédios ou nas ruas.

Notemos ainda que para que o exemplar do gênero seja validado como um aviso, faltam informações mais institucionais: de quem é a voz que avisa? Não há uma logo ou algum selo que estabeleça esse circuito interlocutivo.

O integrante do Laboratório que garimpou o exemplar em questão não se atentou para esses dois aspectos aos quais acabamos de nos referir. Ao encaminhar o garimpo para o WhatsApp do LaGaTT, refizemos a busca pelo texto na internet, desconfiadas de que não se tratava de um texto autêntico, ou seja, com circulação real em espaços públicos e/ou privados de interação humana. Foi aí que chegamos em: <<https://www.americanas.com.br/produto/1649187957/painel-de-festa-quarentena-1-0-x-0-65-m-aniversario>>.

The screenshot shows a product page on the Americanas website. The product is a decorative panel for a party, titled "Painel de festa Quarentena 1,0 x 0,65 m Aniversário". The panel features a yellow and black striped border and a central sign with the text "QUARENTENA FIQUE EM CASA NINGUEM ESTÁ CONVIDADO". The price is listed as R\$ 24,99. The page includes a search bar, navigation menu, and a "comprar" button.

Curioso, agora, notar que ampliado o circuito interlocutivo, o enunciado “ninguém está convidado” passa a estar associado também ao *frame* aniversário e, conseqüentemente, a um modo lúdico de se aludir ao isolamento social e às restrições de convenções sociais por ele impostas: a de se comemorar apenas com aqueles da família, que moram juntos, um aniversário. A isso se soma uma característica de irreverência, vinculada ao estereótipo de brasileiro fazer piada com tudo, não escapando um momento dramático como o de Pandemia que atravessamos. Afinal, não apenas quem idealizou o produto (painel de aniversário com o tema Quarentena, que imita um anúncio), como quem o anuncia, o compra ou quem dele se vale para lê-lo como um objeto cultural está a considerar uma rede de implícitos e discursos associados aos objetos de discurso quarentena, casa ou convite.

É importante observar, portanto, que conforme Dias (2018, p. 21), os traços de interpretação não trazem as ideias prontas, os sentidos são construídos a partir dos referenciais sociais e das formas linguísticas.

Desse modo, associamo-nos à Semântica da Enunciação para observar que o plano da significação se torna equivalente a sentido para essa abordagem, pois não interessa diferenciar ambos, mas estabelecer relações que se problematizam a partir das motivações para sentidos mobilizados constituírem tais gêneros com o enunciar em uma dada direção.

Nesse sentido, é possível fazer o aluno pensar sobre os usos, que podem estar em planos macroestruturais sobrepostos, como acabamos de visualizar e que precisarão, por razões didáticas, serem analisados separadamente até se chegar às suas implicações, o olhar aos gêneros e a pertinência do dito na historicidade, os sentidos construídos em redes enunciativas que se dão como maneiras pelas quais se manifestam as formas linguísticas.

Um outro caminho como ação didática traria a possibilidade de reescrita de tal aviso ou mesmo do nome a que se dá ao Painel no anúncio do Produto, por exemplo. Ao destacar a nominalidade “quarentena” nos três gêneros que abordamos, tomamos contato com usos para fazer o aluno observar os testes de possibilidade de significados que se adaptam melhor à construção dos sentidos que circulam no texto, em uma metodologia tomada pela semântica enunciativa como rede enunciativa. No exercício de observação, a ideia é explorar leitura e escrita em suas possibilidades de interpretação, tornando os alunos partícipes

da aula, escolhendo significações possíveis na rede de encaixes e processos cognitivos envolvidos na construção de ideias.

Se tomarmos o gênero abaixo como o segundo gênero em destaque, voltado para a divulgação de questões em um cursinho on-line, tem-se o anúncio:



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WILjKzrpbe4>. Data de acesso: 11-05-2020.

É o ponto de vista educacional/escolar que nos permite o acionamento de sentidos para construir a formação nominal “quarentena de questões”. Aqui, percebe-se que o uso é pertinente, pois o trabalho com “quarentena”, a partir de cada referencial, torna visíveis as relações de sentido nos enunciados. Dias (2018, p. 34) esclarece, de maneira sábia, que há uma rede enunciativa que estabelece atualização do discurso em que se tornam visíveis as relações de sentidos em enunciados possíveis com as tomadas do termo “quarentena” em gêneros diferentes. Diferentemente de “quarentena: fique em casa”, a forma linguística “quarentena de questões” não se dá no uso que evoca, por exemplo, em um primeiro plano, o isolamento social. O modo como construímos sentidos para quarentena atualiza discursos em que, num primeiro momento, “quarentena” se manifesta como processo de isolar-se socialmente diante de uma situação em que pode haver risco, ao mesmo tempo em que, no anúncio acima, no segundo momento, pressupõe-se o anúncio de um conjunto de questões para serem resolvidas num dado tempo.

Dias (2018, p. 35) explica a técnica das redes enunciativas como “pontos de observação enunciativa tendo em vistas as dimensões de sentido”. Para a proposta de lidar com o gênero em processo de didatização, é possível provocar os alunos com o uso de “quarentena” em várias construções para que eles estabeleçam pontos de diferença entre os

usos, observando as flutuações de sentido a que o termo “quarentena” está sujeito no gênero acima em tempos atuais, pois o professor poderia tratar o dito equivalente a quarenta questões, poderia indicar questões para serem resolvidas em 40 minutos, ou ainda para serem resolvidas e/ou comentadas durante um dado período definido como quarentena.

O destaque interessante dado à nomeação “quarentena de questões” nos provoca a concordar com Guimarães (2018, p. 187). Para ele, “nomear é dar existência específica e única” a objetos e processos. E, particularmente, nos leva a compreender e (re)elaborar interpretações aos “processos históricos importantes no processo de identificação” (GUIMARÃES, 2018, p. 187). É possível formular provocações aos alunos a partir do referencial histórico ou de dados de um memorável que os desafiariam a substituir a formação nominal “quarentena de questões” por uma forma linguística análoga, procurando observar que os processos de sinonímia nem sempre atingem a proposta de relações análogas significativas, de acordo com o que se espera de um anúncio em que se atualiza a ideia de aplicar exercícios em uma quarentena. O percurso referencial da e para a expressão ‘ao vivo’, no Anúncio, também poderia ser objeto de tematização.

Por fim, abordamos, a seguir, o gênero capa de revista (magazine) como uma terceira proposta para tomarmos a formação “quarentena em descompasso”.



Disponível em: <https://abrilveja.files.wordpress.com/2020/05/capa-veja-2686-v-1.jpg>

Para abordar tal gênero, trabalhamos com a noção de político, abordada por Guimarães (2018) como o tratamento enunciativo produzido a partir dos falantes pelas/ fundamentando-se nas instituições sociais. A ideia de político em nada toca na questão partidária, mas trabalha com a ideia de sujeitos que se organizam em seus lugares sociais no processo de enunciar. Na capa da edição da *Veja*, abordam-se duas posições políticas, representando “quarentena em descompasso”, o título da capa. Duas posições sociais se apresentam nessa condição sendo, a primeira, do sujeito social que segue a atitude de isolamento indicada como uma solução para não se contaminar pelo vírus; a segunda toma um segundo sujeito social, que não aposta na contaminação, não se resguardando, portanto, no isolamento social. Assim, os sujeitos sociais indicam discursivamente posições diferentes na quarentena. Essa afirmativa se problematiza se pedirmos que os alunos interpretem na ilustração a abordagem a quatro indivíduos não identificados, o primeiro, ilustrado em cor verde usando máscara como uma forma de prevenção na pandemia. Sua posição de estar parado indica-lhe o lugar social de sujeito que se encontra em isolamento e com máscara com atitude de prevenção na pandemia.

No caminho do sujeito em verde, trafegam três sujeitos sociais em cor vermelha e sem o uso da máscara, indicando atitude de quem não está em isolamento nem utilizando a máscara, item de proteção. A ideia é que o professor explore os dois itens importantes para a formação nominal, sendo “quarentena” e “descompasso” e os sentidos resultantes dessa formação. A ideia é explorar os extremos como atitudes comportamentais diante da pandemia, destacando aspectos como prevenção, saúde dos cidadãos, idade, etc e, principalmente, relações de causa e consequência para qualquer posicionamento que for assumido, seja distanciamento social ou não. O foco se dá em provocar a atitude argumentativa dos alunos voltada para duas posições, a favorável ao distanciamento social e a desfavorável, bem como as implicações de a capa da revista representar as duas posições, mas assumir um posicionamento, considerando o distanciamento em “descompasso”.

Seguindo a Semântica da Enunciação, tomamos os três gêneros em questão como acontecimentos. Guimarães (2018, p. 38) observa que o acontecimento se dá no espaço de

enunciação. Desse modo, faz sentido a ideia de Guimarães (2005), ao indicar que o acontecimento enunciativo é ligado a quatro elementos constituintes do projeto do dizer: a língua, o sujeito, a temporalidade e o real. A língua e o sujeito constituem-se no funcionamento da língua (GUIMARÃES, 1995; 2000) e os lugares enunciativos se dão nas especificações, “lugares constituídos pelo dizer” (GUIMARÃES, 2005, p. 23). Se considerássemos, por exemplo, a temporalidade de “quarentena” antes de 2020, em que não havia a pandemia, o uso “quarentena de questões” não constituiria sentido.

Nesse ponto, explorar as formações nominais em que o termo em destaque aparece, representa perceber a língua fazendo sentido, diante da realidade que se mostra como desafio. E não podemos deixar de explorar quão ricos se constituem tais espaços de enunciação na sala de aula.

A ideia do garimpo, portanto, surgiu do explorar o acontecimento enunciativo em sala de aula. Essa ação didática se dá como um desafio para que professor e aluno problematizem a ordem da significação nas três condições em que a formação nominal “quarentena” se dá. Ao catalogarmos uma rede de gêneros em que a forma se deu, foi possível traçar o modo como os sentidos se dão diante do referencial histórico em que temos o distanciamento social, o dizer que se dá e se amplia a partir desse distanciamento e as muitas maneiras como “quarentena”, “quarentena de questões” e “quarentena em descompasso” se configuram nos três acontecimentos.

3- Uma análise semântica enunciativa e(m) respostas à BNCC

Percebe-se que nosso trabalho com a didatização de gêneros se estabelece traçando possibilidades entre os estudos discursivos e a Semântica da Enunciação, já que ambas as abordagens não destoam no tratamento da língua fazendo sentido. Se tomarmos os Estudos Enunciativos, percebemos as relações entre enunciado e enunciação, que nos levam a problematizar as formas linguísticas e a partir de que referenciais elas produzem sentido. Isso significa que o olhar aos gêneros se constituirá em uma sucessão de elementos cuja materialidade manifesta certa atualidade nas práticas interacionais. Por isso vale a pena garimpar gêneros cujas realidades representam a ação social em que os dizeres fazem sentido.

Também levamos em conta a perspectiva que sustenta documentos que, na atualidade, fundamentam o trabalho do professor, pois a visão enunciativo-discursiva de linguagem é assumida como forma de orientação para o trabalho com a sala de aula. Nesses documentos, como a BNCC- Base Nacional Comum Curricular- é a que reivindica a” linguagem como forma de atuação no mundo e no processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história[...]” (BRASIL, 2017, p. 65).

Enquanto documento norteador para a elaboração e fundamentação das atividades em aula, tomamos a BNCC como um norteador que se instaura pelo modo discursivo descritivo-injuntivo (ALMEIDA; BIAVATI, 2017) no cotidiano, sustentando o trabalho do professor. A Base é, como todos os gêneros do discurso que povoam o universo escolar, compreendida como um modo de atividade ratificada socialmente nas instituições educacionais (ALMEIDA; BIAVATI, 2017).

Concorda-se com o documento quando se defende, por exemplo, que no processo escolar o aluno em formação deve ser instigado para a atuação na esfera pública como alguém que toma algo que já existe e é capaz de mesclar, transformar, redistribuir, produzir novos sentidos (BRASIL, 2017). Sem tratar das nuances que precisam ser problematizadas do documento, apoiamos a visão de dos gêneros como objeto de ensino e o fato de que os sentidos projetam o modo como os sujeitos se organizam e se apoiam nas práticas institucionais, na rede de valores e costumes tomados como referenciais. Vale lembrar que os princípios que norteiam o foco nas atividades linguísticas contemplam, conforme a BNCC (BRASIL, 2017, p. 9 -10),

<p>Práticas de uso da linguagem em foco</p>	<p>Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.</p>	<p>Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.</p>
--	---	--

O garimpo acontece, portanto, voltado para tornar a ação didática apoiada em competências e habilidades que precisam se desenvolver no aluno nos Ensinos Fundamental e Médio, baseando-se na orientação de documentos como a BNCC, que conduzem o cotidiano das aulas na elaboração do plano de aula e do conjunto de atividades, traçando competências e habilidades importantes aos eixos como leitura e escrita.

As ações didáticas que defendemos levam em conta o que chamamos de análise linguística quando tratamos o modo como se deve abordar os objetos de ensino, no caso, a atividade com a língua em ação e em conexão com a realidade. Isso significa, no planejamento e didatização não só observar competências e habilidades requeridas, mas também observar os efeitos dos usos em atividades de produção e de compreensão textual, como vimos quando lidamos com o aviso e o anúncio. Percebe-se na tomada de posição sobre os sentidos que circulam em exercícios de vocabulário para além da pesquisa de significados dicionarizados, comparando e analisando processos de formação de palavras, emprego de formas linguísticas em campos semânticos e suas implicações, para tratar de problematizar se sinônimos são adequados se colocados em substituição a determinado fato da língua.

O trabalho com interpretação e escrita não prevê a prática de higienização textual, mas trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a quem se destinam as ações e reflexões (GERALDI, 1997) e de que maneira os atinge como quando elabora, por exemplo, gêneros em substituição ao anúncio sobre “quarentena de questões” construindo textos efetivos para uma prática discursiva. Em estudos sobre a análise linguística, Mendonça (2006) toma essa forma de análise especialmente em sua metodologia reflexiva, pesquisando, por exemplo, como gêneros se dão no ambiente da internet, o que não significa simplesmente disciplinar seu uso, mas investigar como e porque um modo de dizer funciona em determinadas condições e não em outras. A partir dessa realidade, portanto, desejamos ampliar nosso olhar ao tomar contato com os gêneros, buscando uma proposta semântico-enunciativa baseada em uma prática que faça sentido na realidade dos alunos. Isso significa elencarmos algumas posturas importantes aos professores no tratamento dessa abordagem em interface com o trabalho em sala:

- Exercitar a técnica de possibilidades de formas em interpretações, observando e comparando redes enunciativas, com formação de contrastes com usos em gêneros diferentes, “estabelecendo pontos de observação enunciativa, tendo em vistas as dimensões do sentido” (DIAS, 2018, p.35)

- Tomar contato com exemplares de qualquer gênero implica basear-se em e conscientizar o aluno a respeito do referencial histórico que o fundamenta e o antecede. As unidades de significação carregam traços de interpretação em materialidades que se orientam por referenciais sociais. Interpretar referenciais implica que ações, eventos e elementos afetam o dizer, o que significa projetar modos representativos de se expressar, que são “históricos, compartilhados e expostos à diferença na sociedade” (DIAS, 2018, p. 21), relembrando traços de similaridades e conflitos que precisam ser trazidos à baila no contato com qualquer gênero;

- Refletir sobre que articulações entram em jogo no tratamento no jogo das formas. Esse olhar para os gêneros vale o contato com o acontecimento enunciativo, ou seja, que motivações nos fazem mobilizar sentidos, atualizando uns e não outros no tratamento das formas quando elas compõem, por exemplo, as formações nominais, a criação de outras formas e o funcionamento dos enunciados que se dão na materialidade dos gêneros.

Ao explicitarmos algumas questões (propícias e[m] desafios) que perfazem o trabalho de planejamento e efetivação de gestos de transposição didática, queremos tomar aspectos da realidade social do trabalho do professor (sobretudo aqueles relativos à elaboração e/ou aplicação de material didático) como objeto cultural, por isso complexo e merecedor da convergência coletiva de perspectivas de diferentes sujeitos. Salientamos que não foi nosso propósito trazer uma bula de atitudes para o professor, mas observar como o garimpo é importante, desde a escolha até o tratamento teórico-semântico-enunciativo dos textos para proporcionar dimensões que ultrapassam nossa visão corriqueira no tratamento aos gêneros.

De tudo isso decorre a nossa aposta interinstitucional acerca da necessidade de um olhar enunciativo-discursivo do professor em exercício e em formação inicial para o texto

como objeto de ensino complexo, afinal as aulas de línguas figuram lugares sociointeracionais para se visualizar que a construção da humanidade (o)corre situada por usos simbólicos e, portanto, convencionalizados da língua(gem), sendo em textos e, por meio de gêneros, que (inter)subjetividades são (re)construídas e(m) enunciações. Compreensão essa que é fortalecida por i) uma rotina de garimpagem individual de textos sempre atenta ao potencial textual e a ii) (re)focalizações coletivas desses textos garimpados (que foram vistos, lidos, ouvidos por alguém) em objetos de ensino enunciativamente férteis de possibilidades de didatização.

Considerações finais

Entendendo o movimento argumentativo que realizamos na seção 2, como um exercício de análise e, portanto, de atualização conceitual a partir de uma lente de trabalho da Semântica a Enunciação, esclarecemos que essa análise foi apresentada aos integrantes do LaGaTT como forma de demonstração de que “conhecer a organização do sistema linguístico – suas categorias e suas inter-relações – permite que se entendam os conceitos que percorrem todo e qualquer sistema linguístico” (MATENCIO, 2007, p. 442) e de que modo as escolhas linguístico-enunciativas (ex)postas em exemplares de gêneros se atrelam a convenções e usos de grupos sociais. O que se alinha com a BNCC como forma de regulação para as atividades e o objeto de ensino.

A reflexão sobre cada uso, como aqui exemplificamos pelo tratamento da formação nominal quarentena, associando-a ao exame de enunciados/enunciações, oferece ao professor uma boa ilustração para:

perceber o que as pessoas fazem quando usam a língua e de ser capaz de criar hipóteses sobre por que elas fazem o que fazem quando agem com e sobre a língua. Trata-se, dessa forma, de refletir sobre como as categorias linguísticas (as categorias da língua) funcionam no processo de enunciação, na produção efetiva de sentidos (MATENCIO, 2007, p. 442).

Análises temáticas como essas, que colocam em interface o funcionamento de um determinada categoria linguística (como a formação nominal), ainda contribuem para a lei-

tura dos exemplares de gêneros a partir de uma série de conhecimentos referenciais acionados pelo léxico em exame e por outras construções que estão a (co)circular em um dado momento socioistórico como o da pandemia, que mundialmente atravessamos. Considerar tudo isso na e para a didatização da leitura, é sempre resultado de um olhar de desnaturalização para o texto e para a restauração, em sala de aula, do circuito original de circulação dos gêneros em análise/estudo.

Procuramos ilustrar com a publicização de microações do LaGaTT nossa busca por um agir acadêmico cada vez mais crítico e responsivo às demandas sociais dos grupos sociais professor de língua(s) e alunos da educação básica e partimos do entendimento de que há uma necessidade de se revisitar certos aspectos da cultura acadêmica a que temos, como professoras-formadoras de professores, endossado.

Referimo-nos a um deslocamento de um falar em que mais se prescreve o que se deve(ria) fazer para uma postura de trabalho com uma escuta ainda mais sensível e responsiva às demandas do professor em exercício na educação básica e das percepções dos alunos do Ensino Médio quanto às aulas de línguas nas microrregiões e em que atuamos.

O que se faz não apenas para compreendermos diferentemente o trabalho do professor da educação básica, e como os alunos experienciam essa relação de ensino-aprendizagem mediadas pelo trabalho com os gêneros, mas sobretudo para, a partir dessa compreensão, contribuir mais efetivamente para a superação de um conjunto de aspectos que perfazem a dicotomia teoria e prática, tão vozeada pela comunidade acadêmica e comunidade escolar.

WORKING WITH THE PRODUCTION OF MEANINGS IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHER TRAINING: ENUNCIATIVE CHOICES FOR DIDACTIZATION

ABSTRACT: In this article, we socialize work actions arising from an interinstitutional partnership (UESB-UFSJ) at LaTMiW, Laboratory of Textual Mining and/in Work of the language teacher, whose target audience is student teachers/undergraduates, acting teachers and teachers in continuous training. The purpose of this text is to present a set of questions that run through the work of Portuguese teacher training to examples of textual / discursive genres. What begins with the defense of texts as a teaching unit, followed by the choice of a specific text / example, which we call textual mining, turns into the didacticization of various teaching objects. Assuming that the teacher's didactic

work is always guided by reference points to which the subjects are exposed to in professional training, we present some didactic actions aimed at teaching language(s) as a dynamic way of understanding the didacticization of genres from contact with the Enunciation Semantics in the Laboratory. The results point to the importance of understanding the enunciation plan as a productive way of working with the mined genres that circulate in LaTMiW. What we validate as a significant initiative in the proposal of didactic aspects is emphasizing, in the work that involves genres, the attention given to the utterances, the enunciation and the production of meanings.

KEYWORDS: Textual/discursive genres; LaTMiW; Production of meanings; Enunciation Semantics; Quarantine.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carla Cassiano de.; BIAVATI, N. D. F. O Projeto Político Pedagógico como um gênero documental: discursos na/sobre a escola. In: Raimundo Expedito dos Santos Sousa. (Org.). *Linguagem como instrumento para (re)(d)(escre)(ver) o mundo gêneros textuais/discursivos e processos semióticos multimodais*. 1ed. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2017, v. único, p. 128-149.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Publicação. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/BNCC_publicação> Acesso em: 30 de jul. 2017.
- DIAS, L. F. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2018.
- GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley. *O texto em sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997. p. 59-79
- GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes, 1995.
- _____. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas, SP: Pontes, 2018.
- MATENCIO, M. de L. M. Formação do professor e representações sociais de língua(gem): por uma linguística implicada. *Revista Filologia*, Vol. 7, 2007, p. 439-449.
- MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio.; MENDONÇA, Márcia (org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.199-226.

Recebido em: 30/05/2020.

Aprovado em: 29/06/2020.